

AUDIO VIDEO MAGAZINE

ARTE EM REPRODUÇÃO ELETRÔNICA

ANO 19
MARÇO / ABRIL 2015

209

EDITORA
CAVI
clubedoaudioevideo.com.br

R\$18 €9



UMA TERCEIRA VIA SONORA

AMPLIFICADOR INTEGRADO HEGEL H-300



UMA JOIA DE MONITOR

CAIXA ACÚSTICA BURMESTER B10

E MAIS

TESTES DE ÁUDIO

AMPLIFICADOR INTEGRADO
VALVULADO TRIODE TRV-35SE
CAIXAS ACÚSTICAS ELAC 244.2

HI-END PELO MUNDO

CONHEÇA OS PRINCIPAIS
LANÇAMENTOS DA CES 2015

NOVIDADES

SAMSUNG APRESENTA SUA
NOVA LINHA SUHD TV PARA
A AMÉRICA LATINA

CDS DO MÊS

POLLINI: CICLO COMPLETO DAS
32 SONATAS PARA PIANO
DE BEETHOVEN

TESTE

4

AUDIO





CAIXAS ACÚSTICAS ELAC 244.2

XX **Christian Pruks**
christian@clubedoaudio.com.br

Acredito que os tópicos mais importantes, em relação à qualidade de som na audiofilia, no áudio hi-end, sejam: referência, educação auditiva e setup. Olhando de fora, depois de pronto o teste, o capítulo do setup foi especialmente crítico no teste das caixas ELAC 244.2 - que foi feito concomitantemente com o do amplificador integrado valvulado japonês Triode TRV-35SE, presente nesta edição. Fala-se muito por aí do que é necessário - ou mesmo considerado como mínimo básico - para um sistema soar bem: instalação elétrica e acústica trabalhada. A questão é que esses dois preceitos são extremamente importantes, e tão importantes que se aplicados minimamente já fazem efeitos inacreditáveis. Em vez de ficar sonhando com uma elétrica dedicada, às vezes custosa e, em alguns casos, de difícil implementação, deve-se começar mudando várias coisas bem simples, como a inserção de uma tomada de qualidade audiófila na parede atrás do sistema e, até mesmo, o uso de uma régua

de alta qualidade com o mesmo tipo de tomadas e uma fiação de primeira. Isso substitui uma elétrica dedicada? Não, mas já faz boa parte do trabalho e traz excelentes resultados. É só lembrar-se da teoria dos gargalos, onde o elo mais fraco sempre irá prejudicar o resultado final, portanto é ideal que esses elos sejam tratados, nem que seja aos poucos, sem abraçar o mundo de uma vez. Para quem não acredita na história do elo mais fraco, experimentem fazer um estrogonofe usando algum ingrediente de pior qualidade para ver se não impacta no resultado final: troquem a carne por outra de menor qualidade, que ficará mais dura ou fibrenta e não terá o mesmo gosto, ou troquem o creme de leite por um de origem duvidosa, ou mesmo usem ketchup em vez do sumo da própria carne quando refogada. E tem gente que ainda acredita que se pode fazer algo bom com ingredientes ruins! Bom, no caso da acústica trabalhada - para quem não tem os meios ou mesmo o espaço para se fazer ▶



uma sala dedicada ou usar dispositivos acústicos - é extremamente importante o ainda mal compreendido posicionamento das caixas. Quem prefere (por vários motivos) ter as caixas grudadas na parede dos fundos não só terá problemas no equilíbrio, definição e recorte dos graves, como também não terá profundidade de palco. Eu mesmo tenho, há anos, um approach, digamos, próprio no que tange ao posicionamento de caixas acústicas, centrado em dois pontos: primeiro eu nunca posiciono caixas e ouvinte em triângulo equilátero, mas sempre com a distância do ouvinte maior que a distância entre as caixas. Segundo, o posicionamento das caixas é sempre feito delas para o ambiente, e não delas para o ouvinte. Simples: a caixa tocar bem é o resultado da relação dela com o ambiente, e não da relação dela com você.

Ou seja, a importância do setup é fundamental! Vai desde o casamento entre componentes, entre cabos e acessórios, na escolha

de um bom pedestal (e muitas vezes na modificação dos mesmos: os meus são recheados com pedras de aquário), no uso de spikes, de boas prateleiras e racks, etc. e tal. Enquanto que a referência é a guia base, é o que nos permite saber se algo é mais ou menos próximo da realidade que ele tenta emular, e a educação auditiva nos permite entender as coisas e perceber suas qualidades, o setup é o que faz com que isso tudo seja posto em prática. A referência permite saber se o gosto e a textura da carne do estrogonofe são bons ou não, ou mesmo se o creme de leite é de caixinha ou é fresco. A 'educação auditiva' permite que sua percepção, pela experiência e aprendizado, use a referência e entenda suas implicações e resultados, permitindo que seja feito o setup correto. O setup, então, é simplesmente saber preparar o prato.

Bom, chega de elucubrações e vamos ao ponto. As ELAC 244.2 são caixas cuja sonoridade combina bem, ao mesmo tempo, alta transparência e suavidade nos médios-agudos e agudos - o que é raro - e uma boa extensão e recorte nas baixas. E que encham bem uma sala média para pequena: são bookshelves valentes! As ELAC 244.2 são, portanto, muito compatíveis, já que, também, aguentam boa potência e são fáceis de empurrar. Como estava fazendo o teste do amplificador Triode TRV-35SE paralelamente, uma hora me ocorreu que as características de um casariam muito bem com as características de outro. Liguei-os e o resultado foi, naquele momento, píffio. Ué! Fiquei coçando a cabeça. É fato que o amplificador ainda estava no começo dos testes, que eu não havia ainda explorado seu setup. O posicionamento das caixas eu já havia resolvido, porque já tive pelo menos quatro pares diferentes de ELAC aqui e, portanto, conheço muito bem o comportamento acústico dessas caixas nesta sala.

Voltando ao amplificador, descobri que o cabo de força que eu estava usando, o Transparent PowerLink MM1, um cabo extremamente compatível, não se dava nem um pouco bem com o Triode. Bom, toda 'regra' tem exceções. Acabei fechando o amplificador com o cabo Reference da Sunrise Lab, que casou direitinho, trazendo de volta o corpo harmônico que estava deficiente com o MM1 e suavizando as médias-altas, trazendo equilíbrio. A transparência com o Transparent (opa!) era maior, assim como o corpo harmônico nas altas, mas o resultado era frio, pequeno, sem pegada e desequilibrado. Procurei, claro, ligar as ELAC - que são de 4 Ohms - nas saídas de caixas de 6 Ohms do Triode (o qual tem opção de 6 e 8 Ohms nas saídas), e lá estava o som lento, sem impacto, sem graça. Testar todas as possibilidades é a regra do dia quando você tem problemas e deficiências, então mudei as caixas para a saída de 8 Ohms e... o mundo se transformou! Bom, nem tanto, mas a sensação de lerdeza ►

sumiu e o som ficou vivo, pulsante, muito prazeroso de se ouvir. Tal é a importância do setup bem feito.

Da empresa ELAC já falamos um pouco aqui na revista: foi fundada em 1926, em Kiel, na Alemanha, desenvolvendo tecnologia para sonar. Após a Segunda Guerra, foi necessária a dedicação da empresa na produção de bens de consumo, que incluíam máquinas de costura, peças para carros e, com muito sucesso, um rádio fabricado para a Siemens. Por causa desse último, quatro anos depois a ELAC já fabricava toca-discos e, também, voltava a desenvolver tecnologias no ramo náutico, como o sonar, resultando na companhia manter duas divisões distintas. A divisão de áudio, na década de 1970, era de grande sucesso, chegando a distribuir na Alemanha marcas como Nakamichi e Sony. Logo, a divisão náutica foi vendida para a norte-americana Honeywell e, em 1984, a ELAC começava a fabricar caixas acústicas com a compra da empresa AXIOM Elektroakustik. Em 1993, ao adquirir a recém-falida ARES, a ELAC encampa o tweeter tipo Air Motion Transformer (também conhecido como tweeter Heil), batizado agora de JET - Jet Emission Tweeter - uma alusão à imensa velocidade de sua membrana, que trabalha praticamente sob pressão por estar dobrada, resultando em uma grande área de diafragma e, ao mesmo tempo, uma superfície total pequena.

As ELAC 244.2 são a versão atualizada das já conhecidas bookshelves 244. Toda a linha 200 foi atualizada, ganhando o sufixo '.2', mas a ELAC não chega a divulgar o que de novo foi feito na linha 200 para virar 200.2, além da mudança para o novo tweeter JET 5 e outros detalhes óbvios, como a eliminação dos terminais bicablados - o que, na minha opinião, resultou em um encaixe melhor entre um driver e outro e uma limpeza nos médios-agudos, porque esses jumpers que interligam os terminais bicablados sempre inserem perdas ou, no mínimo, uma assinatura sônica não necessariamente agradável. Bom, eu não faço segredo nenhum que sou contra a prática da bicablagem - assim como muitos fabricantes conhecidos de caixas acústicas. O tweeter JET versão 5 estreou em uma linha de caixas acima, a linha 400 e, agora, veio substituir o tweeter anterior, o JET III, na linha 200.2, resultando em uma transparência que eu tenho a impressão de ser bastante semelhante, mas com uma organicidade, musicalidade e timbre superiores. Para se ter ideia, as ELAC 244.2 soam suaves e gostosas já na primeira hora depois de tiradas das caixas de papelão. Para o teste das bookshelves ELAC 244.2 foram usados os amplificadores integrados darTZeel CTH-8550, Sunrise Lab V8 MkIII e Triode TRV-35SE, as caixas acústicas Konforti Audio Aleph, o toca-discos Technics SP-25 com braço Jelco e cápsula Ortofon 2M Bronze e o Yamaha PF-1000 com cápsula Ortofon 2M Red com o pré de phono Sunrise Lab The PhonoStage II Special

Edition. Os cabos de força, de interconexão e de caixa foram os da Sunrise Lab linha Reference, Transparent Powerlink MM1 e MM2 e Transparent Reference XL.

COMO TOCAM

De cara, em uma visão geral, o som das ELAC 244.2 é bem limpo e coeso, superarejado e cheio de ambiência, com um belo timbre e uma grande beleza geral. O equilíbrio tonal das ELAC 244.2 por um lado traz uma extensão de graves dentro de uma sala de audição de tamanho médio, que parece ir além dos 38 Hz de sua resposta de frequência. Pelo outro lado, a extensão dos agudos é notória (50 kHz) e o arejamento está mais para 'ar livre'! O resto do espectro é muito bem casado e dimensionado, sem buracos e sem frontalizações - aliás, isso é o que menos tem nas ELAC 244.2. No CD The Magic Hour (Verve), de Wynton Marsalis, a massa de instrumentos, forte e timbricamente complexa da faixa 1, com tremendos vocais da Dianne Reeves, toca lindamente, sem faltas ou excessos tonais. Tremendo palco grande e arejado: característica de caixas com o tipo de tweeter que a ELAC usa, o AMT, e de outros tipos de ribbon. A ligação quase 'invisível' entre as frequências respondidas pelo arejado tweeter e a área mais alta do midwoofer estende todo o ar e naturalidade para a maior parte da área média, fazendo com que o som das ELAC 244.2 não pareça nunca algo que sai de um par de caixas, mas sim algo que brota e parece pertencer ao ambiente de audição. Isso é, inclusive, melhor agora nas ELAC 244.2 do que o que eu ouvi em outras caixas da linha 200 anterior - muito provavelmente por causa do avanço em qualidade obtido com o uso da versão mais recente do tweeter, o JET 5. Aqui fica clara e perfeita em suas camadas a fenomenal captação e gravação da faixa 9 do CD de Doug MacLeod, There is a Time, do selo Reference Recordings - a faixa começa só com o bumbo da bateria e a voz de MacLeod, e já é suficiente para ver as localizações e planos diferentes desses dois elementos, além de perceber na ambiência o tamanho da sala onde o disco foi gravado.

As texturas das ELAC 244.2 são muito orgânicas, e beneficiaram-se de uma melhor resposta de transientes, uma maior visceralidade, velocidade e ataque geral. E não que os transientes, nesse caso, sejam mal definidos - porque é possível perceber as notas e, até certo ponto, suas intencionalidades com clareza, bom decaimento e duração decente - mas não tanto a urgência e a carga emocional, a parte 'eletrizante' de uma performance musical. Um bom exemplo é o excelente CD Breakfast in the Field, do inovador violonista norte-americano Michael Hedges. É o primeiro disco dele, de 1981, acompanhado do baixo fretless de Michael Manning, gravado direto para dois canais com dois microfones, sem manipulações e ▶

processamentos, para o selo Windham Hill - aqui dá para ouvir claramente as texturas resultantes das mãos passando sobre as cordas do violão poderosamente tocado por Hedges, além dos fortes transientes de cordas tocadas sem dó nem piedade. Quanto à dinâmica, assim como o falado sobre transientes, se houvesse maior visceralidade, a já boa dinâmica das ELAC 244.2 - adequada a uma boa caixa tipo bookshelf - seria excepcional. Como acontece com muitas caixas no mercado, o corpo harmônico das ELAC 244.2 é correto e bem representativo do instrumento. Mas, já começa a aparecer no mercado caixas que mostram corpos harmônicos um pouco maiores, transportando mais - na minha opinião - o ouvinte para dentro da música. Essa característica das ELAC 244.2 não chega a incomodar, tanto que CDs com o som mais cheio, como é o La Camorra, de Astor Piazzolla, soam muito bem. La Camorra é um CD que considero essencial, sendo um dos últimos discos que Piazzolla gravou, na década de 1980, com seu Quinteto Tango Nuevo, antes de falecer. Piazzolla considerava CD Tango: Zero Hour, da mesma época, seu melhor disco, e muitos de seus fãs consideram

La Camorra como um complemento ao mesmo. A naturalidade do som das ELAC faz com que muitas caixas, a curto prazo, possam parecer (e muitas parecem) meio enlatadas e industrializadas em seus médios-agudos e agudos. É duro falar de outro tipo de tweeter depois de ouvir os JET da ELAC - sou, obviamente, fã.

CONCLUSÃO

A musicalidade de caixas como as ELAC 244.2, que provêm fadiga absolutamente zero, com timbres corretos e aveludados, bom equilíbrio tonal, com uma naturalidade e neutralidade geral, é sempre uma boa adição a qualquer sistema de audiófilos que apreciem essas características. ■

ESPECIFICAÇÕES	
Tipo	Bass-reflex, 2 vias
Woofers	7 polegadas / cone AS-XR
Tweeter	JET 5
Frequência de corte	2.5 kHz
Resposta de frequência	38 - 50.000 Hz
Sensibilidade	88 dB / 2.83 V / m
Potência recomendada	30 - 200 W / canal
Potência de pico	80 / 120 W
Impedância nominal	4 Ohms
Impedância mínima	3,3 Ohms em 190 Hz
Dimensões (L x A x P)	330 x 200 x 282 mm
Peso	7,4 kg

CAIXAS ACÚSTICAS ELAC 244.2	
Equilíbrio Tonal	9,5
Soundstage	10,25
Textura	9,5
Transientes	9,75
Dinâmica	9,5
Corpo Harmônico	9,5
Organicidade	10,25
Musicalidade	10,0
Total	78,25

KW Hi-Fi
(11) 95442.0855
R\$ 7.896 (o par)

DIAMANTE
RECOMENDADO

